



Metaprogramas como estratégia para o ensino de rádio e o resgate da memória do veículo¹

POLETTO, Thays Renata²

Faculdades Integradas do Brasil (UniBrasil) e Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Resumo

Este artigo trata da construção acadêmica de metaprogramas de rádio que buscam motivar estudantes sobre a aprendizagem de rádio, recuperando e valorizando a memória do veículo. O termo *meta* é utilizado no sentido do programa de rádio que discute o próprio veículo e busca criar, do rádio pelo rádio e para o rádio, estudos sobre a produção radiofônica. A primeira experiência é o Doc Rádio, série de radiodocumentários produzida entre 2003 a 2007, reunindo trechos de outras produções, pesquisa histórica e depoimentos. A segunda, realizada em 2008, é o programa ZYZ, série de entrevistas com radialistas que testemunharam as primeiras emissões de rádio no Paraná. Aqui apresentamos como o estudo acadêmico sobre formatos radiofônicos pode proporcionar a produção de documentos sonoros que resgatam a memória histórica do rádio, aproximam alunos e profissionais e dão novo sentido a estudos e produções.

Palavras-chave

Rádio; didática do ensino de rádio; radiodocumentário; entrevista no rádio; história do rádio.

1. Produções acadêmicas e a memória do rádio

Entre os muitos desafios que professores e alunos encontram quanto às produções acadêmicas de rádio está o encarceramento desses materiais, mesmo daqueles que apresentam alta qualidade. Convivemos com os esforços para criação e gravação de bons programas de rádio que não têm como ser transmitidos. Os motivos são muitos: a instituição de ensino não possui uma emissora (mesmo que na internet), as informações dos programas apresentam curto período de interesse ou valor por conta de sua própria fugacidade (especialmente nas produções que tratam de fatos jornalísticos) ou mesmo porque os programas não atendem às expectativas ou exigências de emissoras locais, comerciais ou não. Muitas vezes, então, os alunos realizam estudos sobre formatos radiofônicos produzindo bons programas cujos ouvintes são o número limitado de colegas em sala de aula, quando não somente o professor. Encarceradas em sala de aula, as transmissões reduzem o interesse dos alunos

¹ Trabalho apresentado à Divisão Temática Rádio e Mídia Sonora (DT4), coordenada pelo professor Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto, no IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), professora do Curso de Comunicação Social das Faculdades Integradas do Brasil (UniBrasil). É também pesquisadora convidada do Núcleo de Pesquisa em Educação e Saúde (Nupecs) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: tpoletto@gmail.com



pelos produções. Fora das instituições de ensino superior, rádios e ouvintes continuam reféns de modelos e assuntos repetidos.

Outra dificuldade que se encontra facilmente é o desconhecimento sobre a história do rádio, mesmo quando este é um conteúdo previsto já no início da vida acadêmica. É ainda mais acentuado o problema quando se trata da memória local do veículo. Desvalorizado e esquecido em sua trajetória, o rádio é, assim, para os estudantes, apenas o modelo comercial atual.

Um novo sentido pode ser dado às produções radiofônicas de acadêmicos quando se utiliza o estudo de formatos e gêneros de programas para pensar, pesquisar e discutir o rádio. Neste estudo, apresentam-se duas experiências de produção de metaprogramas, buscando ampliar as possibilidades de transmissão dos trabalhos acadêmicos em emissoras educativas, comerciais e mesmo na internet, aumentar o tempo de *validade* dessas produções, contribuir para o resgate da memória local da história do rádio, aproximar estudantes e profissionais do rádio e levar estudantes a aprofundar seus conhecimentos sobre o rádio. Estas experiências têm condições de ser facilmente reproduzidas em outros contextos.

Neste artigo, empresta-se da Lingüística o termo *meta* para utilizá-lo aqui da mesma forma que se utiliza em metalinguagem, a propriedade que a língua tem de voltar-se para si mesma, de explicar-se a si mesma. É através da metalinguagem que o código se volta ao código. Entre os modernistas, na Literatura, por exemplo, percebe-se que este é um recurso estético de distanciamento entre o leitor e a obra, que busca a reflexão sobre a produção. É nesse sentido que acontecem as experiências acadêmicas apresentadas neste artigo: os metaprogramas “Doc Rádio” e do “ZYZ, o rádio contado por quem fez história”. Ambos se voltam para o rádio, na busca de criar, do rádio pelo rádio e para o rádio, estudos sobre a produção radiofônica, recuperando a história do veículo através de programas de rádio, dando novo sentido às produções acadêmicas e ampliando suas oportunidades de transmissão.

2. Procedimentos utilizados nos metaprogramas Doc Rádio e ZYZ

As produções Doc Rádio e ZYZ foram experiências realizadas em sala de aula, nos laboratórios de informática e nos laboratórios de áudio de instituições de ensino superior por alunos que estudavam formatos radiofônicos previstos nos planos de trabalho de suas habilitações em Comunicação Social.



Todos os programas faziam parte das avaliações bimestrais. As aulas teóricas sobre os formatos que deveriam auxiliar nas produções foram baseadas nos conceitos de LÓPEZ VIGIL (2008). A produção dos radiodocumentários para o Doc Rádio e das entrevistas para o ZYZ ocorreram durante o 3.º ou 4.º bimestre do estudo de disciplinas anuais e 2.º bimestre para disciplinas anuais ou semestrais ligadas ao rádio, variando de acordo com as exigências das ementas e dos planos de ensino. Em média, gastavam-se dois meses para produzir os trabalhos até o seu final, compreendendo as etapas de pesquisa, pré-produção, roteirização, produção e edição, gravação, pós-edição, avaliação e transmissão.

Em sala, estudavam-se formatos de programas (no caso do Doc Rádio, o radiodocumentário e, para o ZYZ, as entrevistas radiofônicas) enquanto também eram revistos temas ligados à produção, edição e roteirização. Os alunos ouviam e analisavam programas (ou trechos) que apresentavam formatos similares aos que deveriam produzir. A audição era coletiva e a análise compreendia três fases, além da audição: anotação dos principais pontos, debate e produção de memória da análise (este documento servia para recuperar as idéias e sensações quando os alunos construía a lista de expectativas em relação aos próprios trabalhos). As audições facilitavam a compreensão sobre função, estrutura e produção, além de ser uma forma fácil de identificar “erros e acertos”. Depois das audições, os alunos escolhiam como desejavam produzir os programas de maneira que se tornassem séries, resgatassem a história do rádio e apresentassem qualidade e *durabilidade* para serem transmitidos. Em sala, desenhava-se a estrutura que deveria ser seguida em todas as edições e uma lista de expectativas, que trazia os critérios de produção e avaliação dos programas escolhidos pelos alunos.

Os discentes trabalhavam em equipes de 4 a 6 alunos e escolhiam um assunto para cada programa, sempre ligados ao tema “rádio”. Os trabalhos reuniam trechos de outras produções, pesquisa histórica e depoimentos (alguns apenas editados para os programas acadêmicos e outros inteiramente produzidos para eles). Todas as edições deveriam seguir a mesma estrutura, formato e tempo escolhidos pela turma em sala de aula. Os roteiros eram produzidos tanto em sala de aula como fora dela, com a gravação dos trabalhos apenas quando roteiro havia sido apresentado em sala de aula e avaliado por todas as demais equipes. Isso exigia a criação de um cronograma de trabalho que deveria ser respeitado por muitas pessoas, num processo quase industrial, que levava o



aluno a manter suas atividades em dia para não atrapalhar os colegas ou mesmo inviabilizar as séries, especialmente no caso do Doc Radio, que durou cinco anos.

2.1 Doc Rádio: radiodocumentários sobre a trajetória do rádio

Entre 2003 a 2007, 118 alunos do curso de Comunicação Social das habilitações de Rádio e Televisão e de Jornalismo, da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) foram convidados a estudar e produzir radiodocumentários.

O nome Doc Rádio foi escolhido para dar ao ouvinte a informação sobre a audição de um documento (*doc*) sobre o veículo (*rádio*), com o objetivo de estabelecer a partir daí a idéia de programa de rádio sobre o rádio, um metaprograma. Curto, o nome trazia a informação com a força necessária no rádio. Tanto o nome como o formato e a duração dos radiodocumentários foram mantidos em todas as 22 edições do Doc Rádio durante os cinco anos de experiência do programa.

Disponíveis na página do Curso e gravados em compact disc (CD), os programas podiam ser transmitidos por qualquer emissora de rádio. Por três vezes, os alunos acompanharam a transmissão de suas produções ao vivo, sintonizando emissoras locais através de um aparelho de rádio em horário de aula. Outras 11 vezes foram transmitidos em emissoras locais comerciais e educativas e ouvidas pelos alunos em outros horários alternativos aos de aula. Os próprios estudantes se tornaram agentes de seus programas, quando não da série toda de programas do Doc Rádio. Através de seus contatos buscavam oferecer à emissoras de rádio o que tinham produzido. Infelizmente, não se encontrou uma forma de contabilizar todas as transmissões do Doc Rádio pois os *downloads* realizados na página eram livres, sem que o internauta precisasse registrar se haveria transmissão do programa baixado. As cópias em CD também dificultaram saber em que emissoras o Doc Rádio foi (ou está sendo) transmitido.

2.2 Contribuições do Doc Rádio para o estudo do veículo

A série de radiodocumentários traz edições sobre os principais programas de rádio no Brasil nas décadas de 20, 30, 40, 50, 60, 70 e 80 e sobre outros assuntos como a música no rádio, as cantoras do rádio, as radionovelas, mulheres no rádio, programas de auditório, profissionais do rádio, o drama, o esporte, o humor e o jornalismo no rádio. O Doc Rádio também trouxe edições preocupadas com o resgate da memória local do veículo (em Curitiba e no Paraná) em edições cujos temas eram o rádio no



Paraná, como uma sobre a Rádio Clube, a primeira rádio do Paraná, e o casal de músicos Belarmino e Gabriela, cuja fama estadual foi alcançada através do rádio.

Os programas contribuíram tanto no sentido de aumentar o interesse dos discentes pelo estudo de rádio, mas não resultaram em materiais de consulta permanente e disponível com facilidade³ sobre a história do rádio porque não foram sistematizados desde seu início.

2.2 O rádio que recupera a trajetória local: o metaprograma “ZYZ”

Uma das atividades mais importantes na vida de um repórter de rádio é aprender a realizar boas entrevistas. Pertencente ao “gênero diálogo”, o estudo do formato entrevista auxilia na produção de reportagens gravadas ou ao vivo, enquetes, programas de debate, mesa-redonda, sonoras, *talk-show*, no contato com ouvintes ou fontes de notícias (LÓPEZ VIGIL, 2000, p.287-303). Durante a vida acadêmica, um estudante de Jornalismo, precisa estudar e produzir entrevistas. Mas, como já citamos no início desse trabalho, em muitos casos, os ouvintes desses trabalhos são apenas professores e colegas de sala de aula, seja por conta da intenção das produções, da qualidade e fugacidade das entrevistas, das dificuldades de transmissão e produção ou por outros motivos.

Com a tentativa de reduzir essas barreiras e dar um novo sentido à produção de programas de entrevista, foi criado em 2008⁴ o “ZYZ – o rádio contado por quem fez história”. Seu objetivo principal era dar aos 25 estudantes de Radiojornalismo, do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas do Brasil (UniBrasil), a oportunidade de produzir entrevistas de rádio com valor histórico sobre e para o próprio veículo. O “ZYZ” tornou-se, assim, uma série de metaprogramas, que recupera, a partir da memória pessoal de antigos radialistas, a história do rádio em Curitiba.

A provocação inicial está cravada nas 11 horas do dia 27 de junho de 2009, quando completam-se 85 anos da ata de fundação daquela que é considerada a primeira emissora de rádio no Paraná e terceira emissora mais antiga do Brasil, a Rádio Clube Paranaense, a PRB2⁵. De sua diretoria provisória participavam o industrial Fido

³ Depois da reformulação do site da Rádio Experimental da UTP, foi extinta a página que continha os programas do Doc Radio que poderiam ser consultados sobre a história do rádio, o que dificultou o acesso de pesquisadores, professores, alunos e interessados à série (para conferir acesse os sites atuais da Rádio: <http://www.utp.br/divulgacao/WebRadio/> e <http://www.utp.br/radio>) O material não foi totalmente perdido porque os produtores possuem cópias e algumas ainda estão na internet, em blogs pessoais e em sites como o *YouTube*.

⁴ As produções foram realizadas de julho a setembro de 2008.

⁵ Mais tarde, a Rádio ganhou a alcunha reduzida de B2.



Fontana, como presidente, o telegrafista chefe em Curitiba Lívio Gomes Moreira, como diretor-técnico, e João Alfredo Silva, o secretário-tesoureiro. As primeiras transmissões ocorriam desde a casa de Lívio⁶, que havia construído, através de seus próprios experimentos e pesquisas, equipamentos suficientes para servirem à emissora. Na ata de fundação, o telegrafista foi designado como o responsável por “irradiar diariamente, a título experimental, pela sua pequena estação transmissora, iniciando-se assim, desde já, a intensificação da radiotelefonía em nossa Capital” (RÁDIO CLUBE PARANAENSE, 1924). Apesar de importante, percebe-se que este é mais um dos capítulos da história do rádio no Paraná quase desconhecido entre estudantes de Jornalismo na capital. A intenção do ZYZ era dar aos alunos participantes a oportunidade de conhecer este e muitos outros fatos ligados à história do rádio no Paraná, a partir do estudo sobre a entrevista no rádio.

A questão dos metaprogramas já está no nome do projeto “ZYZ, o rádio contado por quem fez história”, pois as primeiras letras são as mesmas utilizadas nos prefixos das emissoras de rádio⁷. Aqui já se estabelecesse um código de aproximação com conhecedores dos prefixos, sejam radialistas, interessados no veículo ou ouvintes mais atentos. A frase que acompanha o prefixo, explica o objetivo (contar a história do rádio), o caráter informativo (traz informações sobre a história do veículo) e mesmo o formato do programa (quem vai contar é quem participou dessa história; é uma breve apresentação de que tipo de convidados serão *entrevistados* no programa). No nome, define-se também o público-alvo do programa: ouvintes assíduos de rádio, interessados na história do veículo, locutores e alunos de jornalismo. O nome do programa também possui sonoridade adequada à transmissão radiofônica, é curto e direto, utilizando palavras simples.

Realizados ao vivo, os sete programas que compõem a série “ZYZ” são documentos radiofônicos sobre a produção radiofônica no Paraná, mais especialmente em Curitiba. Gravados, estão disponíveis para audição e uso em pesquisas tanto em CD (em formato mp3) como na página da Rádio Experimental da UniBrasil⁸. Cada programa dura 15 minutos e foi conduzido por um aluno diferente, pois o objetivo era dar ao maior número possível de alunos a oportunidade de fazer o papel de

⁶ Lívio é o primeiro radioamador brasileiro, tendo operado desde 1909, com o indicativo de chamada SB-3IG. Ele também utilizava o indicativo BZ-1M.

⁷ Além das letras, é claro, a locução leva a informação sobre o nome da rádio e localização no dial. Usa-se em frases assim: “ZYZ-923, Rádio Morena, operando na frequência de 930 quilohertz”.

⁸ Para ouvir a Rádio, acesse: www.unibrasil.com.br



entrevistador. A UniBrasil ainda realizou a gravação dos programas em CD e distribuiu cópias do programa⁹. A transmissão dos programas pela Rádio Experimental e a disponibilização das entrevistas em blogs e sites sem ligação com a instituição causou entusiasmo entre os alunos. Também os entrevistados do ZYZ divulgaram as entrevistas (ou parte delas) em seus blogs e nas emissoras comerciais e educativas em que trabalham ou com as quais mantêm contato.

A partir da marca dos 85 anos da fundação da Rádio Clube Paranaense foram realizados estudos sobre as produções radiofônicas no estado e sobre os radialistas que marcaram essas produções. Os entrevistados foram escolhidos por sua ligação com o tema (história do rádio no Paraná), por sua ligação com o início das transmissões no estado e por sua disponibilidade em participar – alguns estavam impossibilitados de participar por suas condições de saúde¹⁰. As entrevistas são todas de caráter pessoal e voltam-se para o período da vida do entrevistado em que ele atuou no rádio.

2.2.1 Contribuição do “ZYZ” para o registro da história do rádio no Paraná: nomes, eventos, espaços e lembranças de radialistas

Diferentemente do que ocorreu na produção do Doc Rádio, o ZYZ ganhou visibilidade e foi sistematizado desde seu início. Por três vezes, os alunos apresentaram textos em eventos acadêmicos sobre suas produções sobre história do rádio no Paraná, contribuindo para valorizar a memória local do veículo. A série traz informações sobre jornalismo, radiodramaturgia, cobertura esportiva, relações com o governo, censura, expectativas sobre o futuro do rádio e muitas “histórias de locutor”, contadas pelos radialistas Ubiratan Lustosa, Mário Celso Cunha, Sílvio de Tarso, Sinval Martins, Rosaldo Pereira, José Tadeu Basso e Paulo Branco. Na época da entrevista, todos os entrevistados tinham experiência de mais de 40 anos no rádio.

Os entrevistados do ZYZ contam histórias parecidas em muitos aspectos, confirmando e ampliando as pesquisas realizadas para a produção da série. Sobre o início da carreira, eles falam da audiência fiel e constante, mesmo quando era necessário andar mais de um quilômetro para ouvir rádio na casa de um parente, como conta

⁹ Em 1.º de outubro de 2008, durante o II Ciclo de Debates sobre Jornalismo e Novas Produções Universitárias, a UniBrasil lançou o CD “ZYZ, o rádio contado por quem fez história”, com a série de entrevistas sobre o rádio no Paraná e prestou uma homenagem aos radialistas do Estado, com a presença dos entrevistados na série.

¹⁰ Todos os entrevistados são homens. As equipes buscaram entrevistar também as primeiras locutoras e radioatrizas, sem sucesso. A presença feminina era reduzida naquela época e não foi possível conversar com nenhuma das mulheres listadas, seja porque já haviam falecido, não tinham condições de saúde para participar dos programas ou era desconhecido seu paradeiro.



Ubiratan Lustosa, o mais antigo entre os entrevistados, que começou sua carreira ainda nos anos 40. É importante também como descrevem o contexto históricossocial das produções, as relações entre locutor e ouvinte, entre as emissoras e com relação à ditadura.

Obviamente, os entrevistados ainda incluíram observações do ponto de vista de ouvintes de rádio em suas falas, o que é importante porque os primeiros locutores já faleceram e a memória das transmissões mais antigas depende dessa experiência de ouvinte. Assim, os entrevistados fizeram comparações entre o que se produzia antes mesmo de iniciarem sua vida como radialistas e o que temos atualmente no rádio. A maior contribuição da série de entrevista ocorre exatamente neste sentido: como os entrevistados mantêm viva na memória o que ouviram e o que produziram, conseguem citar nomes de locutores, diretores, radioatores e outros profissionais do meio e descrever como funcionavam programas que marcaram a história local do rádio, dos quais durante as pesquisas para a produção do “ZYZ” foram apenas citações. Os nomes não esquecidos pelos entrevistados e citados no “ZYZ” podem ajudar em outras pesquisas sobre a radiodifusão no Paraná. Além da Rádio Clube, por exemplo, são muito citadas as rádios Marumby e Guairacá, que também possuíam elencos para radiofonizar contos e filmes. A Clube tinha o maior número de radioatores contratados e chegou a transmitir oito radionovelas por dia (ZYZ, 2008).

Dois nomes citados pelos entrevistados deixaram curiosos os alunos que produziam os programas de entrevista: Odelaire Rodrigues (falecida em 2003) e Ary Fontoura. Ambos tornaram-se atores de telenovelas da Rede Globo e eram conhecidos pelos estudantes por estas produções, mas não reconhecidos por sua passagem pelo rádio ou por sua origem paranaense. Odelaire e Ary fizeram parte do Teatro de Bolso, na Praça Rui Barbosa, em Curitiba, capital do Paraná, e trabalharam como radioatores durante muitos anos (ZYZ, 2008).

Sobre programas de variedades e jornalismo, foram entrevistados os locutores Ubiratan Lustosa, Rosaldo Pereira e Paulo Branco, todos com mais de 50 anos de atuação. Eles trazem viva a memória dos programas ao vivo, relação entre ouvintes e rádio, problemas técnicos, a relação com órgãos de poder e histórias que marcaram suas vidas profissionais.

Ainda criança, Lustosa começou a gostar de radiofonia, ouvindo a Rádio Clube Paranaense na casa de um tio. Anos mais tarde, começou a falar nos microfones de auto-falantes de festas paroquiais, anunciando homenagens feitas por rapazes às moças,



com dedicatórias musicais. Foi então convidado por Tobias de Macedo Júnior, um dos proprietários de Rádio Marumby, a trabalhar na emissora. Iniciou em 1948, como locutor, ao lado de nomes como João Bettega, Vicente Mickozs, Nicolau Nader, Carlos Alberto Moro, entre outros. Em 1955, tornou-se gerente da rádio. Dois anos mais tarde, foi para a Rádio Clube, onde apresentou, em parceria com Mário Vendramel, o programa "Calouros B2", sucesso de audiência. Em novembro de 1958, foi promovido a diretor artístico. De 81 a 91, foi gerente da emissora. Atualmente, trabalha apresentando um programa de televisão na TV Paraná Educativa e realiza pesquisas sobre a história do rádio. Entre suas lembranças está a lotação do auditório da Clube em programas que levavam os ouvintes a conhecerem os radioatores, cantores e locutores da Clube. E também as transmissões artísticas da emissora desde o principal teatro do Paraná, o Teatro Guaíra, ainda em construção na época. Lustosa relembra que tanto na apresentação do Coral Russo Dimitri como na apresentação dos cantores Vicente Celestino e da peruana Dilma Sumaka, os radiouvintes sentaram-se no chão gelado de cimento do Teatro, no espaço destinado às poltronas que ainda não haviam chegado (ZYZ, 2008).

Lustosa também conta das dificuldades de colegas analfabetos que trabalhavam na rádio, como o cantor Militão, *o rei do violão*, e as gafes cometidas nas chamadas de notas de falecimento, dadas com tom exagerado ou iniciadas como se fossem “a próxima atração”. “Notas de falecimento são um enterro para o locutor”, diz Lustosa (ZYZ, 2008).

Com 50 anos de microfone, outro entrevistado do ZYZ é Paulo Branco. Natural de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, ele estreou na Rádio Cultura de Erechim em 1952. No Paraná, começou a trabalhar em 1964, na época do golpe militar, já na Rádio Independência. Trabalhou também na Rádio Atalaia, Cidade e Educativa, e foi a partir dessa última que começou a trabalhar para o governo estadual. A partir daí, Paulo Branco ficou conhecido como “aquele que vos fala”, pois era assim que se apresentava diariamente transmitindo as notícias do Palácio do Iguaçu. Atualmente, Paulo mantém um blog sobre histórias e curiosidades que vão desde a “era de ouro do rádio” até os dias atuais. Uma das maiores queixas do locutor é a da venda de horários nas emissoras (ZYZ, 2008).

O locutor Rosaldo Pereira, que atua desde os anos 60, produz um dos mais antigos programas ainda no ar, o Revista Matinal, na Rádio Colombo, onde hoje é também diretor de jornalismo. Rosaldo é conhecido como cupido porque realiza troca



de correspondências amorosas entre os ouvintes no quadro Casamenteiro, no ar desde os anos 70. Atualmente, o quadro transformou-se no programa Clube dos Solitários, que apresenta hoje 32 cartas por programa. Rosaldo já registrou 8.200 encontros promovidos pela rádio que resultaram em casamento (ZYZ, 2008).

Sobre jornalismo e cobertura esportiva, o ZYZ entrevistou Sílvio de Tarso e Mario Celso Cunha. Sílvio começou a sua carreira ainda muito jovem como auxiliar de plantão, ouvindo e anotando os resultado de jogos de campeonatos de futebol de outros estados, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro. Depois, participou como repórter em outras emissoras e só nos anos 80 tornou-se comentarista, atividade que desenvolve até os dias de hoje, na Rádio Clube Paranaense e na TV Paraná Educativa. Tarso começou no rádio ainda com o uso de fitas metálicas, depois com fita de rolo e cartuchearas. “Era preciso ter uma coluna forte e resistência física”, diz (ZYZ, 2008). Sílvio conta em sua entrevista sobre as dificuldades técnicas na transmissão esportiva logo no início das transmissões e também relata os problemas com a censura na produção de reportagens. Apaixonado por música, ele também apresenta um programa na TV Paraná Educativa, o Conversa Afinada, que traz sucessos da MPB.

Mario Celso Cunha é o mais novo dos entrevistados. Filho do primeiro locutor do Paraná, Jacinto Cunha, e da rádio-atriz Zezé Ribas, ele está no ar há mais de 40 anos. Ex-diretor geral da Rádio Clube Paranaense, Mário Celso, como é mais conhecido, atuou e coordenou diversas emissoras no Paraná e Santa Catarina. O entrevistado começou no comando do programa “Cabeludos”, destinado ao público jovem, na extinta Rádio Marumby. Posteriormente, passou a atuar como repórter na área de esportes. Mario Celso ganhou destaque nas rádios paranaenses, tornando-se conhecido pela maneira alegre e descontraída de apresentar programas, marcados pela participação dos ouvintes e as “receitas” de simpatias. Como repórter esportivo ficou conhecido como o “repórter da buzina” porque marcava com uma buzina os erros de jogadores e árbitros, durante a cobertura das partidas. Tendo trabalhado no Programa do Chacrinha, na Rede Globo, Mário Celso incorporou a idéia da buzina às suas reportagens e narrações (ZYZ, 2008). Atualmente, Mario Celso está na rádio Difusora AM. A atuação destacada em várias emissoras também rendeu-lhe espaço na televisão, onde atuou por quase trinta anos.

Da área da dramaturgia, vieram as entrevistas com Sinval Martins e José Tadeu Basso. Ambos destacaram-se em radionovelas e radioteatros, programas muito ouvidos na época. Nesses programas, eles disputavam fãs.



Sinval já era ator quando foi trabalhar nas emissoras Colombo e Rádio Clube Paranaense, tendo participado de centenas de novelas. Suas interpretações criavam junto ao público feminino uma enorme legião de fãs. Seu prestígio era tão expressivo que foi durante muitos anos o campeão de correspondência da Rádio Clube, chegando a receber em média 30 cartas por dia. Entre as novelas das quais participou, estão: O Direito de Nascer, O Homem de Cinzento, Olhai os Lírios do Campo, A Madona das Sete Luas, Coração de Mãe, Coração Cigano, Virgem dos Lábios de Mel. Em todas estas, Sinval atuava como protagonista, mas gostaria de ter feito mais vezes o papel de bandido “porque o mocinho é sempre o mocinho. Mas as emissoras não me davam a oportunidade de sorrir sarcasticamente”, conta (ZYZ, 2008). O radioator reclama que a programação de rádio na cidade hoje se resume a algumas frases: “vamos ouvir; acabamos de ouvir; o que você vai pedir hoje?” ou ao assistencialismo. “E pensar que já tivemos emissora com orquestra clássica e orquestra popular”, relembra. Hoje, Sinval atua no teatro e na publicidade.

Basso começou a trabalhar como rádio-ator em 1959 quando ainda tinha 16 anos e fez o curso de radioteatro na extinta Rádio Tingüi. Aí também teve sua primeira experiência como radioator e desde então nunca mais parou. “Meu primeiro papel foi de motorista. Reuni todos os parentes e amigos em torno do rádio para ouvir minhas falas: ‘*Às suas ordens, senhor*’; ‘*Chegamos, senhor*’; ‘*Obrigado, senhor*’. Isso era tudo o que eu dizia”, diz. Basso relembra a audição das radionovelas de terror que a Clube transmitia à meia-noite e sua participação nos filmes radiofonizados pela Rádio Colombo. “Se um filme fazia sucesso, a Rádio transmitia”, diz. Para ele, o rádio poderia ganhar muito se mantivesse o gênero dramático em sua programação, mas “não apenas choro e lágrimas como tínhamos na época porque há muitos textos fantásticos sendo escritos por aí”, diz (ZYZ, 2008). Basso acompanhou Sinval nas mesmas novelas e foi colega de Odelaire Rodrigues. Além de seu trabalho em rádio também participou da primeira telenovela em 1964 pelo Canal 12. Aos 66 anos de idade, Basso trabalha como ator e produtor.

Sinval e Basso relembrem o programa “Expresso das Quintas”, transmitido pela Rádio Clube. Realizado no auditório da Rádio, o programa era a oportunidade para que os fãs conhecessem os atores, cantores e locutores que ouviam em outros programas. Para ajudar na divulgação, eram distribuídas fotos autografadas dos galãs da rádio durante o programa.



3. Apontamentos sobre a realização de metaprogramas como estratégia para o ensino de rádio e recuperação da memória do veículo

Metaprogramas são uma estratégia interessante e econômica de incentivar os alunos a estudarem rádio e produzirem programas que recuperam a história do rádio e, por conta de sua qualidade e assuntos, podem gerar interesse de emissoras de rádio a respeito da veiculação dessas produções, reduzindo o encarceramento da audição das mesmas apenas às salas de aula. Há um valor diferente na realização de projetos como o Doc Rádio e o ZYZ porque metaprogramas trazem uma economia de estudo (juntam-se vários conteúdos) e, neste caso, uma oportunidade de recuperação do que foi (ou deveria ter sido) ensinado antes em outras disciplinas como pesquisa, edição no rádio, roteirização e produção e mesmo história da comunicação. Nos dois casos, a pesquisa para a produção de metaprogramas tornou-se uma alternativa de produção de pesquisa entre os alunos em universidades privadas, onde é baixo o incentivo a este tipo de atividade (pesquisa).

A construção de programas em série (a *periodização*) era desconhecida entre os alunos. Essa dificuldade foi maior para as primeiras equipes, que deveriam discutir e estabelecer desde o tempo de duração até o nome dos programas. Os grupos posteriores discutiam as escolhas anteriores, mas mantinham nome, tempo, estrutura e tipo dos programas para que se pudesse criar as séries. A descoberta e a produção de programas periódicos também foi uma importante contribuição dos dois metaprogramas para que os alunos de Jornalismo compreendessem o uso repetido de estruturas na produção de programas (aqui, incluídos os de televisão).

Entre todos os alunos percebeu-se ainda a dificuldade em compreender inicialmente o valor de um documento sonoro. O desconhecimento sobre a história do rádio aumentava a desconfiança sobre a existência de documentos desse tipo. No caso do Doc Radio, entre os alunos era habitual que compreendessem e conhecessem documentários realizados em vídeo, mas o formato radiofônico gerava um desconforto inicial e percebia-se que consideravam “pobre” um documentário “sem imagem”. O desconforto era maior ainda quando era feita a proposta de produção de radiodocumentários sobre assuntos ligados ao rádio. Percebeu-se que sentimento de estranheza quanto à produção do formato totalmente desconhecido foi sendo substituído gradativamente pela curiosidade (à medida em que a pesquisa evoluía) e pela sensação de euforia, quando do término e transmissão dos trabalhos. Assim, a professores que desejem realizar experiências parecidas, sugere-se que trabalhem desde o início



estimulando seus alunos a visualizarem essa sensação final. Vale a pena perguntar claramente como imaginam que se sentirão quando seus trabalhos forem transmitidos e ouvidos por pessoas que desconhecem e qual o sentido de seus esforços nessas produções.

Doc Rádio e ZYZ permitiram que seus produtores, ainda estudantes, conhecessem a importância do rádio, os primeiros e principais nomes de profissionais da área, os principais tipos de programas e as dificuldades, como os problemas técnicos e a censura. Constata-se que, resgatado pelo próprio aluno, o conhecimento histórico deixa de ser apenas um rosário de datas e nomes desconhecidos e sem ligação com sua realidade, que se decora para a prova para se esquecer no dia seguinte. A história, sua construção e reflexos começam a ficar mais próximos. Desta forma, o resgate histórico contribui também para o processo de ensino-aprendizagem em geral porque incentiva a curiosidade e a pesquisa, compromete e dá responsabilidade, além de permitir que alunos mantenham contato com profissionais mais velhos e conheçam outros modelos de programas ou um novo uso para antigos modelos. Percebe-se que as propostas também permitiram aos alunos compreenderem melhor o valor de um programa de radiodocumentário e de programas de entrevistas. Por seu caráter histórico, a série de entrevistas, por exemplo, perdeu seu aspecto de fugacidade e tornou-se um instrumento de resgate da memória, um documento histórico sonoro cuja transmissão pode ser feita agora mesmo ou daqui há muitos anos.

A produção desse tipo de material de resgate histórico também dá aos estudantes-produtores um sentimento positivo, de contribuição para a recuperação da memória, de auxílio a outros estudantes, professores, pesquisadores, profissionais... A proposta deste trabalho liga-se também à percepção da pouca importância dada à preservação da memória e às dificuldades de se compreender como o jornalismo pode participar e incentivar essa preservação. Percebeu-se a pouca produção bibliográfica sobre o assunto, a inexistência de arquivamento de material sonoro e a baixa qualidade do que ainda existe, a dificuldade de encontrar os profissionais listados em pesquisa e a desvalorização de familiares em relação à memória particular e profissional dos primeiros radialistas. O interesse sobre os programas e sobre a memória do rádio também foi despertado nos profissionais que participaram das duas experiências, nos ouvintes e nas emissoras de rádio que entraram em contato com os alunos.

Com relação à realização dos programas Doc Rádio e ZYZ, os alunos puderam exercitar suas habilidades ligadas à: pesquisa e produção, pauta, contato, preparação



para a entrevista, relação entre entrevistador, entrevistado e público, construção de laudas para programas ao vivo e programas gravados, edição, espontaneidade da conversação, valor do testemunho, controle do tempo, apresentação e mediação, entre outras técnicas necessárias para a realização do trabalho proposto. Em ZYZ, buscava-se ainda descaracterizar entrevistas de caráter pessoal como aquelas que só se fazem com pessoas “famosas”, que estão longe e só aparecem na TV, em fotos de jornal ou revista ou têm suas biografias publicadas.

Diversas questões marcam a importância da construção e realização destas propostas de trabalho. As dificuldades mais comuns estão no desconhecimento de muitos assuntos e técnicas entre os alunos, no reduzido tempo para as produções, nos escassos recursos, na dificuldade de compreensão entre estudantes, radialistas e familiares e mesmo entre os colegas professores da importância desse tipo de trabalho ligado à memória do rádio, especialmente se isso se volta ao rádio local.

No entanto, as justificativas voltam-se para os estudos de rádio, jornalismo e história – e a compreensão de questões ligadas a estes assuntos por estudantes universitários. Entre os participantes do Doc Rádio e do ZYZ percebeu-se melhora na auto-estima (principalmente quando das transmissões dos trabalhos), mais dedicação e interesse pela pesquisa, ganho na capacidade produtiva em equipe e no planejamento das atividades e notas acima da média. Com relação ao ZYZ, por exemplo, os acadêmicos também gravaram as entrevistas em vídeo e pretendem editar um documentário sobre a história do rádio, bem como um álbum audiofotográfico sobre a produção. As duas produções não fazem parte da avaliação da disciplina de Laboratório de Radiojornalismo, para a qual foi produzida a série radiofônica do ZYZ. Também não estão vinculadas a nenhuma outra disciplina. Fazem parte da iniciativa dos alunos que perceberam a necessidade de produção sobre o assunto. É um novo sentido para as produções sobre o rádio.

4. Referências:

LÓPEZ VIGIL, J. I. *Manual urgente para radialistas apasionados*. Artes Gráficas Silva: Quito, Equador, 2000. p.287-303.

POLETO, T. R. *Relatório de atividades*. Curitiba: Unibrasil, 2008.

RÁDIO CLUBE PARANAENSE. *Ata de fundação da Rádio Clube Paranaense*. Curitiba, 1924.

ZYZ – *O rádio contado por quem fez história*. Curitiba: Unibrasil, 2008. Compact Disc. 105 min.